

Tesouros da terra: Casas de Sementes Crioulas preservam riquezas naturais e garantem comida de verdade



Agricultores familiares do sítio Contendas se orgulham de cultivar sementes crioulas. Da esquerda para a direita: Jecilda Oliveira, Luíz “Piá” Nascimento, Lúcia de Souza e Elecilda da Silva.

Na zona rural de Sobral (CE), no sítio Contendas, a Casa de Sementes São José se firma como referência naquela microrregião pelo seu incentivo e trabalho na continuidade da tradição de cuidar, estocar e preservar sementes crioulas. Essas sementes, também conhecidas como “rústicas” e “naturais”, são remanescentes dos tempos ancestrais, modificadas e adaptadas pela natureza e pelo manejo praticado pelos agricultores através de gerações. Entidades como Articulação Nacional de Agroecologia (ANA) e a Articulação Semiárido Brasileiro (ASA) as consideram verdadeiros tesouros da agricultura.

A Casa de Sementes das Contendas abriga um rico e diverso universo porta adentro. Ali, garrafas e mais garrafas PET, nomeadas e organizadas em prateleiras, guardam sementes crioulas em ampla diversidade, conservando a história das sementes selvagens e garantindo estoque para plantio. Em meio a essa riqueza, as cores se destacam e revelam variações de feijão, milho, fava, macaxeira, jerimum, maxixe e outras culturas que, sem esse trabalho, poderiam estar extintas.

Para a agricultora e coordenadora da Casa, Lúcia de Souza, a semente crioula acumula características invejáveis: são resistentes, adaptáveis ao clima e solo e mantém a qualidade após vários plantios. “Com elas, temos a confiança de que trabalhamos com sementes de qualidade, que vão brotar bem”, declara.

Assim como na Casa São José, as demais 324 casas de



sementes no Ceará (segundo dados da Cáritas e do Fórum Cearense pela Vida no Semiárido) funcionam com sistema de empréstimo e devolução, adicionando um percentual para ampliar o estoque comunitário. “Um deixa algumas garrafas de milho e leva de feijão. Outro deixa feijão e leva fava. Compartilhando a gente cresce junto”, explica o coordenador da Rede de Intercâmbio de Sementes (RIS) da Zona Norte, Luiz “Pia” Sousa do Nascimento.

O trabalho é voluntário e basta ser sócio para participar. “Aqui eu achei um apoio e uma segurança”, revela a agricultora Elecilda da Silva. “É de grande proveito todo esse aprendizado das sementes e unimos mais a comunidade”. No geral, as Casas são formadas por agricultores e agricultoras, quilombolas, assentados e assentadas de reforma agrária. Também faz parte do trabalho orientar os sócios sobre as melhores práticas de produção e manejo, uso de defensivos naturais e como evitar contaminação com sementes híbridas ou transgênicas, aquelas que são geneticamente modificadas e geralmente precisam de agrotóxicos para se manter.

Como a semente crioula não precisa de defensivos químicos, o produtor planta, colhe e consome alimentos mais saudáveis, fato que contribui para sua saúde e para a natureza. “O agricultor que usa e guarda sementes crioulas tem mais autonomia sobre sua produção e alimentação”, afirma o técnico em agropecuária Leonardo Vieira, que assessora 16 Casas de Sementes acompanhadas pela Cáritas Diocesana de Crateús. “É a semente crioula que garante a alimentação da família do campo”, enfatiza.

Estocagem, rotatividade, preservação da diversidade e o fácil acesso às sementes fazem parte da estratégia de organização comunitária elaborada pelas Casas de Sementes junto às organizações sociais e sindicatos rurais para a valorização da cultura local, promoção da autonomia e segurança alimentar e nutricional das famílias rurais do semiárido. Não à toa, aqueles que conservam as sementes crioulas são chamados de “guardiões das sementes”.



Para Lúcia, coordenar as atividades da Casa de Sementes é um trabalho voluntário que dá gosto.



Luís “Pia”, agricultor familiar e coordenador da RIS Zona Norte.